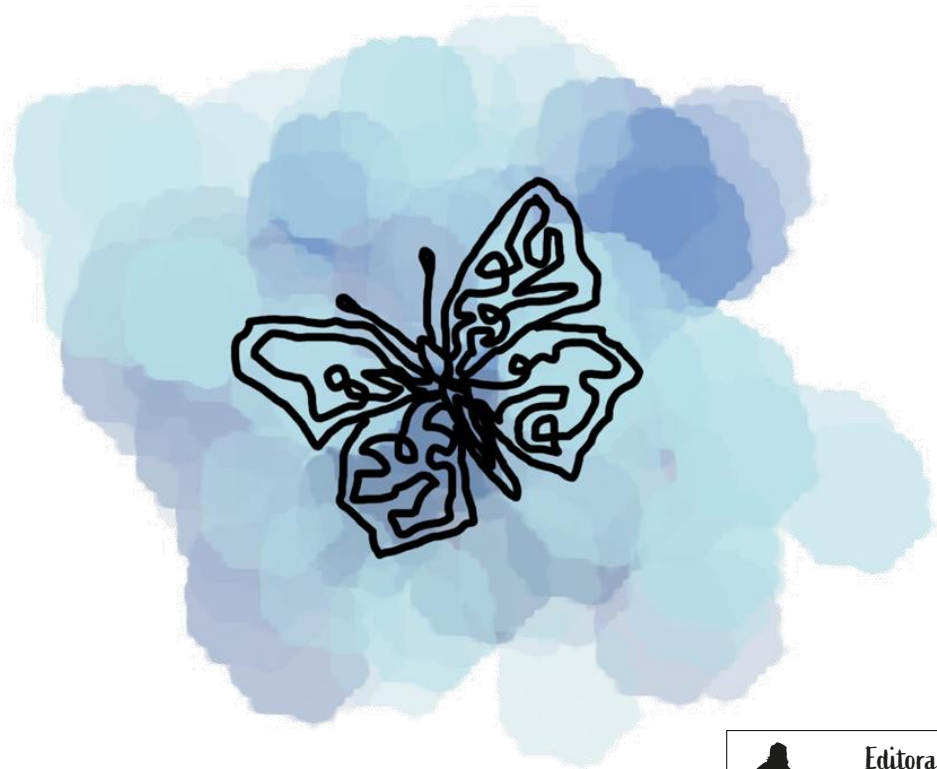


Ana Sofia Parente Torres



Sinestesia





Naquele dia acordara atordoada, com pensamentos, ideias, lembranças, tudo de uma só vez. Acordara com angústia. Talvez medo. Não, medo não, eu diria uma ansiedade enraizada, ansiedade a qual nunca vira ou sentira. Ela pensava. Revirava fatos, ilusões, ideias e textos, nada explicava sua extrema emoção. Digo extrema, pois naquele específico dia de sol e borboletas tudo parecia-lhe grande coisa.

Como posso explicar? Bom, tudo se tornara excessivamente sensível. Uma tristeza logo tornava-se uma depressão, uma simples irritação tornava-se um estresse crônico, uma simples felicidade momentânea, tornava-se êxito para toda a vida, “por que motivo isso acontecia?”, ela se perguntava totalmente confusa. Confusa pelo fato de nunca ter tido problemas sérios com sua saúde mental. Confusa, pois nunca ficara tão confusa assim, se é que me entende.

Um sentimento jamais registrado em sua trajetória de 25 anos. Sentimento esse, que se espalhava por todo o corpo, de maneira vagarosa, porém firme, e sem intervalos. Não sei se consigo me entender. Nem Amelie conseguira a priori, imagine você, leitor. Sem querer subestimá-lo, claro, mas explicarei melhor ao longo do tempo. Talvez me entendas depois, ou não, também. Talvez se revire na



cama tentando entender minha mensagem, talvez sinta o sentimento que Amelie um dia teve, o grande revés de sentir.

Mas, afinal, o que eu descrevia era esse sentimento, sensação em que aparentava a não melhora, mas também não aparentava estar indo ao caminho da piora, vivência essa que simplesmente estava ali. Existindo.

Passadas aproximadamente duas horas do momento em que acordara, Amelie decide sair de casa, ou melhor, sair de seu pequeno apartamento de apenas um cômodo. Lugar onde tudo era junto, cozinha, sala, quarto e os únicos locais onde havia portas eram o banheiro e a entrada. Digamos, porém, que era de se admirar aquela pequena e humilde moradia. Digna de prestígio, pela sua organização e pelo quão bem-composto era.

Amelie sabia de tudo um pouco, moda, decoração, composição, matemática, tudo. A única coisa que lhe gerava cisma, era aquele sentimento que mais era questionador que depreciador. Então, Amelie foi encontrar sua colega de faculdade, Elisa.

Elisa era muito engraçada, sempre melhorava os dias de Amelie, então ela saiu crente de uma cura,



cura aquela que a fazia correr o mais rápido possível em busca de sua grande amiga, cura aquela que parecia longe, porém, perto, de certa forma. A cura na mente de Amelie era uma amizade. Ela estava errada.

Amelie saíra de casa, sem nem mesmo avisar à menina que ela estava rumo ao seu alojamento. Avisou no caminho. Pelo fato de estar angustiada e ansiosa, tudo à flor de sua branca pele, correria com seu carro de uma forma jamais vista, máquina aquela que estava completamente fatigada.

Mesmo de forma diligente, Amelie pôde perceber inúmeras e díspares borboletas por todo o céu azul que se encontrava naquele belo dia. Isso a fez lembrar. Ela não soube de primeira o que lembrara, ela a priori achava que era um sabor de água de coco e depois veio um rápido corte de cena em sua mente, cena que se baseava em luzes extremamente fortes. Isso a perturbou o resto do caminho até a casa de Elisa. Borboletas continuava a ver.

Chegando a casa dela, também pequena, porém não era digna de admiração. Era uma casa digamos que disforme, mas tinha alma de lar e prósperas energias.



Chegara importunada, ofegante. Com muito a dizer e a compartilhar. A menina perguntava o que ela estava fazendo. Perguntara isso em tom de gracejo, o que deixou Amelie desconcertada, algo que sentia somente de vez em quando. Diferentemente das outras vezes que Amelie ia à casa de Elisa, ela, nesse momento, sentiu uma energia insatisfatória, mas preferiu ignorar. Por estar sentindo tudo intensamente, talvez estivesse sentindo aquela energia somente naquele momento, energia essa que poderia estar existindo há muito tempo e Amelie percebera exclusivamente agora. Tal acontecimento a fez imaginar e ser inteligente. A partir disso, chegara à conclusão que tirar bom proveito dessa situação efetiva e jovem não seria de extrema má ideia.

Ainda zombando, Elisa pedia explicações rápidas, mas antes Amelie precisava de um copo d'água, algo que teve acanhamento em pedir, o que não tinha coerência, pelo simples fato de que familiaridade e intimidade estavam em primeiro lugar naquela amizade sincera.

“O que estava acontecendo?” Amelie indagava sem parar em sua mente abatida. Pegou um copo de água. Trêmula, se sentava de forma contida e comportada. Elisa estava preocupada, e perguntara



novamente o que tinha ocorrido. Amelie começou a explicar seus sentimentos, de forma clara e objetiva, algo que não estava dando certo. Elisa estava confusa, após lágrimas começarem a cair pelo macio rosto de Amelie. Sua amiga dizia que estava tudo bem, e por algum motivo, naquele momento Amelie não conseguia dizer mais nada. Sua dicção foi embora junto com sua felicidade. Deitou-se no colo de Elisa e dormiu.

Dormiu quase o dia inteiro. “Será que ela teria dormido bem na noite passada?” questionava Elisa com aspecto preocupado e angustiado.

Quando acordou, começou a explicar. Explicou que sentira extrema angústia, ansiedade e confusão. Explicou que tudo estava mais forte, seus pequenos sentimentos eram como meteoros destruindo uma humanidade perdida. Afirmava que se sentia a humanidade perdida que mencionara segundos atrás.

Elisa perguntou o que Amelie tinha feito na noite antecedente. Dizia ela que foi mais um dia comum e monótono. Acordou às 6h30 da manhã, tomou seu café, porém não comeu nada. Saiu de casa atrasada para a faculdade de medicina, a qual estava no segundo ano, e era super-responsável. Ficou na



faculdade o dia inteiro estudando e comendo. Voltou para casa por volta das 20h00. E daí para frente não se lembra de nada. Lembrava somente de uma longa cena de escuridão contínua.

Acordara no outro dia, como já havia explicado, diferente. Elisa perguntou se de manhã ela se lembrou de alguma coisa específica. Amelie afirma que não. Porém falou das belas borboletas no céu, e que quando olhou para elas, lembrou. Se lembrou de um corte de cena. Muitas luzes em seu rosto, ela dizia, Amelie não quis citar o episódio do sabor de água de coco para não parecer mais louca do que já se sentira. Perturbada ficou, e foi rumo à casa de Elisa. A amiga acalmou-a. Mas internamente desalinhada ficou.

A decisão de ficar na casa de Elisa por um tempo não parecia uma ideia danosa, então foi para casa pegar algumas coisas. Dentre elas: roupas, brincos, acessórios de cabelo e afins. Amelie, sempre muito vaidosa, chegara com uma mala de roupas e outra de acessórios, para o que, a princípio, seriam somente por alguns dias.

Elisa viera de uma família muito rica. Tudo sempre foi mais fácil para ela. Já Amelie, viera de uma família pobre, porém, bastante unida. De vez em



quando, a mãe de Amelie, cansada de trabalhar o dia inteiro e não receber o justo pelo seu esforço, bebia. Bebia às vezes de forma gradual, no entanto, na maioria das vezes bebia de forma descontrolada. Esse era o único problema emocional da família, digamos assim.

Amelie constantemente tirava notas boas, se esforçava de forma inimaginável. Ela sempre foi muito madura. Tinha completa noção da situação monetária em que se encontrava. Sabia que sua mãe dava de tudo para conseguir pagar uma escola particular para Amelie. Por esses motivos e muitos outros, ela honrou o dinheiro que fora destinado a ela pela sua mãe, até o último segundo de vida de sua protetora.

Chorou muito quando sua mãe veio a falecer. Apesar de seus problemas com álcool, esse não foi o motivo de seu óbito. Na verdade, o motivo até hoje é um mistério. Nada se sabe sobre isso. Em um dia a mãe encontrava-se bem. Em um estado digamos que comum. No outro dia, estava morta. Não se sabia o motivo, só se sabia o fato.

Amelie, arrasada, sem dinheiro e vulnerável, ficou dias e mais dias em sua cama. Até pensar que sua mãe não estaria orgulhosa de seu estado no momento.



Então decidiu acabar os estudos de seu 3º ano do segundo grau e foi morar com a tia, a única pessoa que sobrara da família. Ainda vulnerável e triste, foi nesse momento que conheceu Elisa.

Elisa tinha acabado de mudar-se para a cidade de sua futura amiga Amelie. Não se sabia o motivo. Elisa e sua família estavam super bem instalados na cidade anterior, porém, ela se mudou. E calhou de Elisa e Amelie estarem cursando o mesmo ano.

Amelie sabia que sua condição financeira estava mais precária que em nenhuma circunstância vira. Ela sabia que no mês seguinte já pararia de cursar a escola em que se encontrava no momento, contudo, por mais inteligente que fosse, ela estava à espera de um grande milagre. O milagre estava lá. Elisa.

Passaram-se alguns dias. Elisa e Amelie estavam bastante ligadas uma a outra. Então a que agora era grande amiga de Amelie, a chamava para ir à casa dela todos os dias. Elisa já estava consciente do fato da questão monetária de Amelie. Então, como surpresa, pediu por ela a seus pais, para que pagassem a escola para ela. Como forma de caridade. Amelie, *a priori*, ficara completamente arredia,



dizendo que não poderia aceitar. Mas de tanto Elisa insistir, ela acabou aceitando, ficando muito feliz. Mas no fundo estava com um leve sentimento de culpa e abuso de sua parte.

Amelie terminou seu ensino médio de forma dedicada, e exausta. Sentia a necessidade de honrar de novo o dinheiro que estava recebendo para seus estudos, e por esse motivo, foi extremamente bem em todas as matérias, e dessa forma renunciou a muitas coisas de sua adolescência. Os pais de Elisa sempre ajudaram Amelie, pois além de escola, pagavam a comida dela basicamente todos os dias. A tia dela era muito desleixada e não tomava conta de Amelie, logo, quem estavam sendo os pais dela eram os pais de Elisa.

O sentimento de culpa sempre atordoava a mente de Amelie. A todo momento, sentira sua figura como um peso, ou algo que ninguém conseguira evitar e estava simplesmente ali. Existindo.

Voltando para os dias de hoje, Amelie continuava com aquele sentimento atroz. Poderia ela beber até não poder mais, ou algo desse gênero. Porém como ela é e sempre foi inteligente, resolveu tentar entender aquilo. Pesquisara na internet



diversas meditações para buscar de alguma forma se encontrar naquela escuridão que a cada momento que passava a cegava mais e mais. Ela tentava conversar com Elisa, porém sua amiga começou a ficar entediada com seu comportamento. Começou achar que Amelie fazia isso por uma atenção que nunca teve.

Em uma tarde chuvosa, Elisa disse tudo o que tinha para dizer. Amelie chorava como nunca, sentira um sentimento horrível, um sentimento de peso, aquela sensação de quando era pequenina. Pegara suas coisas de maneira furiosa. Batia os pés no chão como uma adolescente com raiva de seus pais. Abriu a porta e batera com a maior força e foi rumo a sua casa.

No caminho de casa, ela pensava muito em sua vida e em por que a vida dela tinha que ser tão complicada. E nesse momento uma borboleta que sobrevoava seu carro a fez lembrar de novo. Se lembrou dessa vez de um sentimento de felicidade. Ela não sabia o que estava acontecendo. Em um momento ela sentia um sentimento atroz e em outro uma sensação de grande euforia, mas ela relevou todos esses acontecimentos quando aquela borboleta caiu morta em seu para-brisa, e ela sofreu e lacrimejou até



seu olho não conseguir suportar tanta água. Mas não sabia o por que.

Chegou a casa exausta e foi dormir. Acordou somente no outro dia, atrasada para sua faculdade, nem se deu ao trabalho de correr. Simplesmente não foi. Estava muito triste para se apressar. Depois de muito pensar ela falou em um tom gritante “esse sentimento não vai me consumir”. Apressou-se e conseguiu chegar a tempo para a terceira aula de sua faculdade.

No caminho para a faculdade, viu milhares borboletas de novo, porém dessa vez ela não se lembrou de nada e nenhuma borboleta morreu, então Amelie achava que aquele pesadelo tinha acabado. Novamente se enganara.

Na faculdade ela conversava com seus amigos aparentando uma felicidade que não existia. Amelie sempre foi boa em esconder tudo: Sentimentos, dores, ódios, felicidades inoportunas. Em sua mente ela estava no controle de tudo, e talvez, naquele momento, ela estava sim no grande controle.

No meio de sua aula, uma borboleta passou pela janela e despertou uma vontade de beber água de coco em Amelie. Quando a aula acabou, ela foi



diretamente para lanchonete de sua faculdade e comprou dez copos de 400 ml de água de coco, e foi direto para sua casa. Tomou todas as águas, deitou-se e caiu no sono por volta das às 18h00.

Amelie, como você pode ver até agora, estava extremamente diferente. Ela sempre fora uma menina de luz, com um sorriso estonteante. Sempre animava todos a sua volta. Porém, desde o dia em que acordou daquela forma estranha, ela perdera esse brilho lindo que tinha.

No outro dia, acordara e comera um cuscuz com manteiga, sua comida favorita de todos os tempos. Saíra mais cedo naquele dia pelo fato de que ela tinha que fazer um estágio de sua faculdade. Ela ficaria a tarde inteira estagiando, então comeu bastante, pois nesse treinamento vespertino ficaria todo esse grande espaço de tempo sem comer nada.

Amelie saiu com seu carro, e por algum motivo, quando foi dar a partida ele simplesmente não funcionou. Ela ficou enraivada de uma forma muito intensa, como todos os sentimentos estavam sendo naqueles momentos. Decidiu ligar para Elisa e perguntou a ela se por algum acaso ela saberia como arrumar um carro. Amelie tinha seu dinheiro, porém



não era de se ostentar, e por esse motivo não queria ficar gastando por aí.

Naquele dia Elisa não atendeu. Nem ao menos respondeu as mensagens de Amelie, coisa que era estranha. Ela desistiu de contatar a amiga, mas ligou para um mecânico que Amelie nunca foi com a cara. Sempre o achou um pouco suspeito. Uma sensação ruim esse homem lhe dava, não saberia explicar direito, como muitas coisas. Porém, ela não tinha escolha. Porventura, ele poderia fazer um trabalho de graça para Amelie, então, ela ligou para o sujeito.

Ela não estava atrasada. Parecia que naquele dia ela pressentiu que algo de ruim pudesse acontecer, e por esse motivo resolveu fazer tudo de forma ligeira. O mecânico disse que poderia sim encontrar Amelie no espaço de cinco minutos, ele disse também que não iria cobrar nada, isso fez o dia dela.

Com esse acontecimento, enquanto esperava o homem, Amelie começou a refletir e a filosofar. Estava pensando em como nós damos pouco valor as coisas. Ela sempre teve esse carro e ele nunca tinha dado problema algum. Porém, agora que o problema apareceu, ela não via a hora dele se resolver de uma vez por todas e ela continuar sua vida normal. E só



pelo fato de ela provavelmente conseguir consertar seu carro, o seu dia ficou ganho. Não sei se consegui passar exatamente o pensamento dela. Espero que tenha me entendido.

Após exatamente oito minutos e cinquenta segundos, Amelie contara precisamente pela preocupação de futuramente atrasar-se. O mecânico terminou seu trabalho em menos de dez minutos. Dissera ele que era somente um problema rápido de poucos momentos. Amelie, pois, deu a partida e foi rumo a sua faculdade.

Após alguns momentos de estrada ela viu diversas borboletas, novamente díspares. Lembrara-se de sua infância. E isso a perturbou muito novamente. Começou a refletir o porquê que todas as vezes que via borboletas lembrava-se de algo. Pensava também no porquê de tantas borboletas começaram a surgir de um nada mais puro. Será que ela na sua vida corrida nunca percebeu borboletas em tanta quantidade? Ou será que as borboletas surgiram por algum motivo específico?

Chegando em sua faculdade, Amelie estudou muito.



Depois de muito tempo avoada conseguira focar e prestar total atenção em seu curso. Falou com seus colegas e quando deu a hora do almoço foi comer na lanchonete. Porém, dessa vez ela levou uma salada de sua casa, coisa que antes do episódio já mencionado era bem comum. Ela sempre foi muito preocupada com sua saúde, com seu corpo e coisas desse modelo. Sempre comeu muita salada e legumes. Alimentava-se de coisas muito saudáveis, mas ela nunca teve problema algum em comer o que lhe dava vontade. Digamos que depois de sua lembrança sobre água de coco, ela estava levemente traumatizada, isso sempre fora sua bebida favorita, porém nesse momento já não era mais.

Como eu disse antes, Amelie teria um estágio, então foi rumo a ele. Adorava ir para tal treinamento. Ele acontecia uma vez por mês. Era sempre a parte do mês que mais gostava.

Acabara seu momento mais legal e fora para casa. Com um sorriso no rosto. Viu borboletas novamente, porém não se lembrou de nada. Chegara a casa exausta, jantara o resto de seu cuscuz da manhã e fora diretamente para sua cama.

Naquela noite, Amelie sonhara muito. Coisa que normalmente não acontecia. Ela quase nunca se



lembrava deles. Esse sonho foi de sua infância. Sonho no qual ela estava em um zoológico, e tinha um borboletário nele, porém não havia nenhuma borboleta, e no sonho ela se lembrava de ter chorado por causa disso. E quando percebeu, ela era a borboleta do borboletário.

Acordara chorando. Não sabia o porquê de tantas lágrimas, era só mais um sonho sem sentido. Ou será que era algo mais? Talvez isso nunca seja explicado, ou talvez seja. Veremos um pouco mais para frente.

Após sonhar a noite inteira, acordara exausta. Chorara a noite toda, não se sabia o porquê. Ela tinha tantas perguntas. Decidiu não ir a faculdade nesse dia. Na verdade Amelie fora a um SPA. Fizera massagem, banho de lama, tomara um banho em uma banheira com espumas de cores variadas. E quando estava na banheira lembrara de sua amiga. E o fato dela não ter tido contato com ela desde ontem de manhã, coisa que nunca acontecia. Resolveu passar na casa de Elisa quando estivesse a caminho de sua casa. Somente para dar um oi. Saíra do SPA completamente renovada. Quando deu a partida em seu carro, viu borboletas de novo, porém isso parou de chocar tanto Amelie, ela passou a ignorar levemente. Quando



chegara a casa de Elisa, bateu na porta várias vezes, e ninguém atendeu. Amelie começou a ficar preocupada, então arrombou a porta. Elisa ficou muito enraivada. Disse-lhe que se ela não atendia a porta era porque não queria visita. Disse também que Amelie teria que pagar uma nova porta para ela, depois de alguns segundos Elisa expulsou-a de casa e Amelie sem entender nada começou a chorar. Elisa era sua única família. E agora ela não tinha ninguém.

Amelie estava arrasada. Decidira ir para casa. E todos os 350 reais que pagara em um SPA, foram para o ralo, simplesmente estava totalmente tensa e preocupada novamente. Tentara ligar para Elisa diversas vezes, porém todas as chamadas eram recusadas. Então Amelie tomou remédio para dormir, fechou seus olhos e sonhou.

Acordara novamente triste. Elisa estava acabando com sua semana. Amelie entendia que tinha brigado com sua amiga. E algo que esqueci de comentar é que Elisa é e sempre foi pessoa de extremo rancor. Se brigava com alguém, isso iria ficar guardado e carimbado em sua mente por um bom tempo. Porém Amelie estava muito mal naqueles dias. Algo que não acontecia frequentemente, mas quando acontecia, Elisa sempre ajudava mesmo com raiva de



algum acontecimento. Dessa vez foi diferente. Elisa guardou o rancor e mágoa, por uma briga que não foi nada estrondosa. O porquê disso era a pergunta que martelava na cabeça de Amelie.

Naquele dia, Amelie saiu para sua faculdade mais tarde que o comum. Teve o grande azar de ver borboletas novamente. Dessa forma, como sempre, lembrou de algo. Um homem. Ela não pode identificar que homem era esse, e isso a deixou desconcertada. Não podia Amelie atrasar-se de novo para sua aula, então tentou esquecer e simplesmente foi rumo a universidade. Acabando sua aula no período matutino, ela lembrou que teria que passar no mercado. Tinha que fazer compras para o mês. Então ela foi.

Chegando ao mercado, foi diretamente aos produtos de limpeza. Comprou vários deles. Era sua parte do mercado favorita, sempre amou limpeza, banho e coisas do gênero. Digamos que era quase um toque. Sua casa estava sempre impecável, ela estava sempre cheirosa e limpa. Nunca deixara de tomar banho em sua vida. Banho era a parte do dia a qual Amelie idolatrava de forma inexplicável.

Voltando ao momento do mercado. Após acabar sua parte favorita, fora para a parte de comidas



como feijão, arroz, farinha etc. Amelie nunca fez lista de compras. Sempre teve uma memória admirável, sabia exatamente o que e onde procurar. Acabara suas compras e fora para casa se arrumar. Nesse dia ela teria um jantar importante de confraternização do aniversário do diretor de sua faculdade.

Em casa, ela se arrumara perfeitamente. Estava linda. Uma coisa em que Amelie era mestra era na sua habilidade de sempre manter as aparências. Turbulências desesperadoras poderiam estar acontecendo em seu EU interior, mas ela sempre estava lá, com um sorriso no rosto, e carregando sempre uma dignidade invejável. Então dessa vez não foi diferente.

Maquiara-se para tirar as olheiras que pesavam em seu rosto de forma tão profunda que mostrara nitidamente todas as horas de sono que perdera pensando em borboletas. Passara um batom vermelho, que sempre fora sua marca registrada. Colocara um salto alto preto lindo. E saíra crente de que iria ser uma noite ótima aquela. E de fato fora.

O grande problema foi quando estava voltando. Encontrara a caminho de sua casa uma mulher em seu carro. Era Elisa. Estava ela em prantos pedindo perdão



sem parar, e Amelie não estava entendendo nada. Então elas foram juntas para casa. Amelie deu um banho em Elisa, e a amiga dormiu sem nem mesmo explicar nada. Amelie exausta estava, também fora para sua cama, porém, diferentemente de Elisa, essa não dormiu.

No dia seguinte, Elisa ainda dormia e Amelie estava com olheiras mais profundas que sua própria depressão. Comera um iogurte que estava em sua geladeira há mais tempo que seus próprios pensamentos. Iogurte esse de *Blue Berry*, seu favorito.

Após acabar sua comida, tentara acordar Elisa, a qual mais tarde Amelie levaria ao hospital pelo fato de não ter acordado nenhuma das vezes que a amiga chamou. Minutos depois de ter levado-a ao hospital, Amelie recebera a notícia de que sua amiga falecera por envenenamento.

No momento que recebera a notícia gritara no meio do hospital, chorara e se deitara no chão e não sabia mais o que fazer. Sua amiga, sua grande amiga, sua irmã, simplesmente fora embora. Dois dias antes elas tinham tido aquela grande briga. Amelie sentira-se culpada e abalada de uma forma como nunca. Morrera dois dias depois e isso não entrava na cabeça



de Amelie. Dois dias depois, como uma borboleta morrendo dois dias após seu nascimento. Alguém amado morrer após uma grande briga, alguém morrer sem uma despedida era o maior pesadelo de Amelie.

Sentira-se no lugar mais obscuro de toda sua vida. Passaram diversos pensamentos em sua mente naquele momento do hospital. Esse momento parecia durar horas, porém duraram apenas 15 segundos. 15 segundos até um policial pisar ao lado de Amelie. Sendo completamente deselegante e duro, sem a menor necessidade. Pegara ela pelo braço e disse que ela estava sob custódia por suspeita de assassinato de sua amiga Elisa. Amelie não conseguia acreditar. Era muito para um ser humano digerir.

Entrara na viatura e chorara tanto que não conseguia parar de soluçar. O policial extremamente ríspido não disse nenhuma palavra, apenas olhava para Amelie com um olhar de desgosto, mágoa e ódio. Amelie não estava ligando para o que iria acontecer com ela. Ela estava totalmente fora de si. Estava morta por dentro. Chegara a delegacia em prantos, e foi interrogada da mesma forma.



Chegando a sala de interrogatório, Amelie viu que seria indagada por uma policial mulher, e isso a deixou mais confortável.

Por sorte Amelie, após muito ser interrogada, tinha um álibi no dia e quando o veneno entrou no corpo de Elisa. A policial com nome Isabela, muito atenciosa, perguntara a Amelie se ela teria alguma família por perto para contato e ela respondeu com a voz ainda mais chorosa que não. Isabela ofereceu sua casa para Amelie, e ela aceitou, porém sempre com o pensamento de estar sendo um grande peso para todos. Isabela preparou uma cama para Amelie dormir. Porém ela só sabia chorar. Chorava sem parar.

Pensava em sua amiga, em como ela foi a única pessoa que acolheu Amelie quando ela mais precisava. A única pessoa que realmente a amou. A única família verdadeira de Amelie tinha ido embora. Ela não sabia mais o que fazer. Estava tudo desmoronando. Desmoronando como se o tsunami mais forte do mundo tivesse acertado Amelie da forma mais inesperada e forte do mundo. Ela estava acabada.

Acordara com uma dor de cabeça extremamente forte. Seus olhos inchados estavam, de tanto chorar os olhos de Amelie quase não abriam.



Isabela estava na cozinha preparando café. Quando ela chegou ao local onde Isabela estava, Amelie agradeceu de forma muito sincera e honesta. Isabela a abraçou e a menina que acabara de perder sua única família desabou em seus braços.

Amelie nunca pensou que iria perder tudo o que tinha e em um dia aleatório estaria abraçando uma policial desconhecida, porém no fundo sentia-se agradecida por ter uma pessoa tão bondosa em um momento tão complicado e arriscado. Bebera uma xícara enorme de café para ver se sua dor de cabeça passava. Não passou em momento algum. Parecia que a cada pensamento uma pedra batia com força em sua cabeça. Amelie estava sentindo-se um peso para Isabela, e sua família tinha acabado de morrer. Ela decidiu ir para casa, porém Isabela disse que ela poderia ficar o tempo que quisesse, então Amelie ficou.

Elas ficaram vários dias vendo filmes, comendo besteiras e rindo. Todos os dias, Amelie chorava pelo menos quarenta vezes. Às vezes no banho, às vezes antes de dormir, às vezes nos braços de Isabela; uma mulher desconhecida, porém muito necessária naquele momento e talvez para sempre.



Amelie estava de licença na faculdade. Quando explicara ao diretor de sua universidade o que tinha acontecido, Amelie foi muito bem compreendida, porém ela só poderia ficar uma semana de licença senão iria reprovar o semestre.

Amelie lutou muito para tentar melhorar do que podemos chamar agora de depressão profunda. Tentava fingir que estava melhorando. Passou a mentir para si mesma de que estava melhor, porém a cada dia ela piorava.

Após a semana de licença, todos esses dias passados na casa de Isabela, ela tinha que voltar para seu curso. Então decidiu que ia encarar tudo. Isabela ofereceu a casa para ela por mais um tempo, Amelie estava sentindo-se bastante próxima dela, pois, aceitou. Depois da faculdade iria pegar algumas roupas em sua casa, pois estava usando a mesma desde o dia da morte de sua melhor amiga. Então foi rumo a sua faculdade.

Chegara a faculdade com um grande sorriso, mas estava na cara que não era um sorriso real. Muitos perguntaram como ela estava, e Amelie sempre respondia que estava lidando bem com tudo aquilo. Ela pensava o dia inteiro que alguém matou



sua amiga, ou sua amiga se matou. As duas opções eram malíssimas. Não conseguia prestar atenção em nada, porém ela dava a entender que estava ótima.

No caminho para sua casa, viu borboletas novamente. Lembrara-se de um homem em sua porta. Lembrara também de ter olhado o relógio quando o homem bateu em sua porta. Eram 20h05 do dia 12 de abril. O dia em que tudo isso começou. Porém não se lembrou mais de nada depois dessa lembrança.

Chegara a casa, pegara algumas roupas e fora a caminho da casa de Isabela. Continuava vendo borboletas, porém nada veio em sua mente, no entanto quando olhou para uma específica cor amarela com preto, lembrara-se de um gosto de água de coco outra vez. Ficou confusa, mas ignorou.

Chegara à casa de Isabela. Abraçara o que agora era sua amiga e chorou em seus braços. Isabela tinha preparado um filme de comédia e uma pipoca deliciosa. Amelie agradecera novamente, como fazia todos os dias. Viram o filme e riram muito, depois dormiram juntas no sofá.

Amelie acordara atrasada e não sabia o porquê sua amiga não tinha a acordado. Não sabia também onde ela estava. Chamava-a pelo nome em todas as



partes do apartamento e até aquele momento Isabela nunca tinha saído antes que Amelie acordar. Estava confusa. Contudo, decidiu não ir à faculdade de novo, achava que não teria consequências, e ela estava errada, como já era de costume. Sua responsabilidade tinha ido embora junto com sua felicidade. Decidiu ir para o shopping comprar roupas com o dinheiro que ela não tinha.

Amelie estava com olheiras tão profundas. Todos os dias que acordava sentia-se mais cansada que o dia anterior. Parecia que de tanto sonhar a noite não conseguia descansar mesmo que estivesse dormindo.

Entrou no carro e foi a caminho do shopping. Queria tomar seu sorvete favorito, um sorvete de *Blue Berry* específico que só tinha naquela sorveteria dentro daquele shopping.

Quando estava indo, viu diversas borboletas. Não aguentava mais tudo aquilo. Estava tudo dando errado e, por algum motivo, borboletas estavam perseguindo-a o tempo inteiro. Se ela contasse para alguém o que estava acontecendo iam achar que estava louca. Provavelmente iriam levá-la a um hospital psiquiátrico. Esse era um outro medo dela.



Ser levada a um hospital psiquiátrico e nunca mais poder sair, isso era uma das coisas as quais mais temia. Amelie estava tendo que guardar tudo para si. Não sabia de mais nada. Tudo estava desmoronado.

Chegando ao shopping, fora direto a sua sorveteria favorita. Tomara dois sorvetes de *Blue Berry*. E tomara também um licor. Infelizmente, algo que nunca tinha acontecido veio a acontecer. Tomara tanto licor que ficara totalmente fora de controle. Isabela precisou ser contatada como membro da família. Ela foi buscar Amelie no hospital, pois passara extremamente mal. Isabela a levou para casa, colocou-a para dormir e dormiu também.

No dia seguinte, Isabela acordara bem antes de Amelie. Ela arrumou todas as coisas dela, e acordou ela pouco depois de preparar um café delicioso.

Quando Amelie acordou, estava confusa. Não sabia o que tinha acontecido direito no dia e noite passada. Viu suas malas prontas e perguntou o que estava acontecendo. Isabela disse que não estava conseguindo lidar com tudo aquilo. Dizia ela que Isabela precisava de ajuda psicológica e que naquele momento isso era algo que ela não poderia proporcionar. Novamente Amelie perdera sua família.



Estava em um momento tão deplorável que qualquer pessoa momentânea já era considerada família para ela. Amelie estava completamente perdida. E quando digo isso, ela realmente estava em um momento de sua vida tão difícil que não sabia se continuar era uma boa ideia. Porém Amelie não queria morrer e ao mesmo tempo não aguentava mais. Sabia que tinha que lutar. Tinha em mente que sua vida tinha muito mais a proporcionar a ela.

Saíra da casa de Isabela e fora direto para sua casa. Casa a qual estava sem comida, provavelmente sem água e sem luz, pois Amelie não estava pagando nada. Mas ela não ligou.

Chegou a casa e percebeu que não tinha sua chave. Não sabia o porquê e não sabia onde estava ela. Deitara-se no chão e dormira ali mesmo, de dia. Amelie não era ela mesma há muito tempo. Na verdade, será que em algum momento ela já foi ela mesma? Ou simplesmente estava vivendo pelos outros por sentir-se um peso a todo momento? Essas perguntas sempre rondaram a cabeça de Amelie, porém, nesse momento, essas perguntas martelavam sua cabeça de forma contínua e super-recorrente.



Acordara aproximadamente quatro e meia da tarde. Seu rosto estava marcado do tapete que na maioria das casas está escrito “seja bem-vindo”. Levantara e se recompusera, porém de forma fingida e ilusória. Lembrara então do porquê tinha ficado para fora de casa. Outra coisa interessante era que Amelie sempre colocava uma chave no vaso de plantas, então dormira em um tapete por motivo algum.

Entrando em casa percebera a bagunça inacabável que se encontrava lá. Já não estava mais tão cansada, porém estava sentindo um imenso vazio dentro de si. Decidira arrumar tudo aquilo mesmo estando bastante triste. Lavara a louça pensando na morte de sua amiga Elisa.

Enquanto lavava roupas pensava em sua amiga Isabela, a única pessoa que algum dia foi sincera com ela e simplesmente a expulsou de casa pelo peso que ela era. Sentia-se um pouco agradecida por Isabela, sempre sentiu que ninguém era totalmente honesto além desta amiga. Arrumara o sofá, trocara as toalhas de mão e de rosto, e a casa ficou um brinco. Simplesmente admirável.

Deitara-se na cama e só por ter arrumado a casa inteira sentira-se muito melhor, digamos, quase



que uma vencedora. Uma ponta de felicidade tomou seu cérebro, porém foi um sentimento rápido, pois a tristeza a tomou novamente, tristeza não, pois isso sempre passa, porém, depressão é um estado, e ela estava nesse estado constantemente. Não entendia muito bem em que momento se perdera de tal forma que para ela parecia ser sem volta. Talvez realmente fosse, mas disso ela não sabia ainda.

Acordara no dia seguinte da mesma forma em que acordara nos outros dias, cansada. Fora para a faculdade pensando em como iria explicar todas suas faltas.

No caminho para a universidade, vira muitas borboletas, como todos os dias de sua vida. Lembrara-se da mesma cena de todas às vezes, porém, uma coisa diferente veio a sua cabeça. Aquele homem tomou forma e lembrara que ela tinha o convidado para entrar em sua casa. Sua lembrança parou por ali.

Entrando na faculdade, o diretor a chamou para uma conversa e perguntou o que estava acontecendo com a menina responsável e dedicada que ele conhecia. Ela começou a chorar e não pôde explicar nada, pois iriam levá-la a um hospital psiquiátrico - Ela sabia que a mente humana não era



entendida mesmo pelos profissionais da área, até aquele momento Amelie não pensava que talvez realmente precisasse de um tratamento mais intensivo, achava-se no controle de tudo. Então foi embora e entrou em sua sala de aula.

Voltara para casa e já era noite, então não encontrou nenhuma borboleta para continuar uma história que ela não sabia se era real ou se era uma invenção de seu próprio cérebro. Não entendia mais o que eram e o que não eram invenções de sua mente. Isso estava a matando por dentro, não sabia mais de nada.

Chegara a casa com uma ingênua intenção de dormir profundamente, algo que não a acontecia a vários dias. Não era de se surpreender que dormir realidade não foi. Ficara acordada a noite inteira com pensamentos nadando em seu mar de lágrimas, mar o qual encontrava-se preso em seu cérebro. Lágrimas que a atormentavam com dor de cabeça. Parecia que estavam presas de forma que sua mente explodiria a qualquer momento.

Já era mais um dia. Dias se passavam e o estado de Amelie não melhorava. Saíra novamente, porém não foi para faculdade, fora para um SPA. No caminho



para tal vira borboletas. Como de costume. Lembrara-se de todos seus *flashbacks* do dia a dia, porém dessa vez um gosto de água de coco fortíssimo veio em seu paladar.

Lembrara então que oferecera uma água de coco ao suposto homem que naquele dia de sol e borboletas a visitou. O homem que sentado em sua cadeira da mesa de jantar lembrava Amelie de alguém. Alguém distante, mas ao mesmo tempo próximo. A lembrança acabou. Aquela experiência parecia uma alucinação forçada. Porém não era. Era algo que ela não podia dizer nem explicar. Era simplesmente algo.

Dias se passavam. Amelie de vez em quando ia para sua faculdade, porém eram poucas às vezes. Todos os dias ela via borboletas, mas os *flashbacks* tinham parado de surgir em sua cabeça. Sentia-se louca. Pensava ela que tudo até ali tinha sido uma invenção de sua ingênua mente sobre o mundo. Mas até que ponto as coisas eram reais e não reais? Era algo que ela não sabia nem que tinha que saber.

A importância do controle mental era algo fundamental para Amelie. Sempre fora uma moça controlada. Sabia se portar em todas as ocasiões.



Conseguia guardar tristeza, felicidade, inveja e ingenuidade para os momentos necessários e corretos. Sempre fora, também, uma pessoa que absorvia muito de tudo.

Se em um lugar pessoas tristes eram a maioria, ela era a pessoa mais triste. Se em algum lugar pessoas felizes eram a maioria, ela era a pessoa mais feliz. Isso que eu acabei de dizer entra em contexto paradoxal do que eu havia dito antes sobre Amelie ser uma moça controlada. Posso dizer então que controlada ela era nos momentos em que julgava importante ser. E isso é muito mais que um senso de controle comum, se é que me entende.

Após alguns dias, Amelie decidira que não queria mais aquela vida de depressão, ansiedade e mistério. Porém, ao mesmo tempo em que Amelie tinha esses objetivos, ela simplesmente não tinha força para fazer essas coisas.

Procrastinação, que não era algo corriqueiro na vida de Amelie, virou uma realidade maçante e cansativa. Tinha em mente que sua vida era uma sorte, e que tinha que agradecer a tudo isso que tinha conquistado. Infelizmente ela estava extremamente cansada de ser agradecida por tudo.



Sua vida inteira baseava-se em culpa, gratidão pelos outros e culpa novamente, mas nunca gratidão por si mesma. Nada em sua vida fora estruturada.

Desde que nasceu, sua mãe era uma pessoa boa, porém problemática. Amelie era fruto de algo não planejado e nunca dito. Uma estrutura nunca tivera, contudo, se tivesse filhos, estrutura era a coisa principal que Amelie gostaria de dar. Tinha certeza de que em toda sua vida Elisa ali estaria. Elisa infelizmente foi embora cedo, de forma misteriosa e completamente de repente. Muito tinha que lutar, porém não sabia que talvez ela fosse mais fraca do que imaginava.

Quando comecei a falar de saúde mental nesse livro, lembro-me de ter dito claramente que Amelie nunca tivera problema algum com esse tipo de coisa. E eu gostaria de mostrar para você que muitas vezes nos enganamos. Amelie sempre teve problemas mentais, porém não sabia o que era, logo, deduzira que era completamente saudável, mas não é dessa forma que as coisas funcionam.

Nada na vida é fácil e Amelie muito bem sabia disso, porém preferia ignorar e seguir com seu



discurso superficial e ingênuo de boa saúde mental em todas as circunstâncias.

Amelie, agora, começara a perceber que sua vida sempre fora complicada, inclusive mentalmente. E é nesse momento que percebemos o quão o cérebro humano é perigoso. Ele guarda sentimentos, ideias e textos, de forma tão escondida e preparada, que ninguém tem a menor ideia. E quando você menos esperar isso irá explodir tudo em você. E depois dessa explosão, por muito tempo você continuará mentindo para si mesmo, e isso é a pior coisa que você pode fazer.

Voltando ao presente, Amelie continuava triste com seus sentimentos à flor da pele. Não ia a faculdade há vários dias, há quase duas semanas. E não sabia mais o que fazer, e estava totalmente perdida. Perdera tantos conteúdos de seu curso, que não sabia se conseguiria passar por este semestre.

Tudo estava indo ladeira abaixo, e o mais triste para Amelie era que ela mesma estava deixando tudo isso acontecer, sempre tão controlada, ela não sabia que poderia chegar a um lugar tão obscuro como esse. Porém não conseguia desistir ainda. Não, ainda não. Sentia que sua vida tinha um propósito muito maior.



Muitas vezes o que sentimos, nossa intuição acerta. Mas muitas vezes isso falha também. Não temos certeza nenhuma na vida e isso afligia Amelie de uma forma inexplicável. Mesmo que nós nos preparemos minuciosamente para tudo o que está por vir, a vida é cheia de surpresas, então para que tentar? Em algum momento tudo irá desmoronar e todos nós sabemos disso.

Naquele belo dia, Amelie obrigou-se a levantar daquela cama. Já estava farta de tudo e de si mesma.

Quando deu a partida em seu carro viu diversas borboletas novamente. E uma memória apareceu. Uma memória diferente. Uma discussão seríssima, ela lembrou. Lembrara que naquela noite específica a qual ficava vindo em sua mente a todo momento em que via borboletas, um homem discutia com ela. Chorava nos braços de Amelie.

E, pela primeira vez, lembrara-se de uma fala daquele homem misterioso. Dizia ele: “eu a matei, me desculpa, não sabia o que estava fazendo.” As memórias acabaram ali. Dos olhos de Amelie lágrimas caíam inevitavelmente, e sem parar soluçava de forma contínua e desesperadora. Aquilo a atormentava. Tinha tantas perguntas, pois afinal, quem era o



homem? O que ele estava fazendo na casa dela? Quem ele matou?

Nada na vida de Amelie estava fluindo. Depois de chorar muito em seu carro, decidira terminar de chorar em sua casa. Não tinha com quem falar. Estava presa em seus próprios problemas, em sua própria mente. A maneira mais triste em que você pode se encontrar é quando você está preso em sua mente.

Isso é tão perigoso, tão preocupante. Não é igual ter medo de um monstro, dormir com alguém, sentir-se seguro e tudo passar. É muito pior, isso não passa. Não de forma fácil. Quando o monstro é sua própria mente, para onde você pode fugir? Se aquilo te persegue seja dia ou noite. Digo isso, pois, na verdade, não sei explicar. A mente humana é tão inacreditável e tão única que nada é certo. Dizer o quanto as coisas são complicadas parece menos complicado do que realmente é. Poucas coisas dão certo. Poucas.

Chegando a casa, foi tomar um banho e desabou. Chorou até sua cabeça começar a explodir de tanta dor. Estava sem saída. Tudo que ela gostava, estudava, planejava e encontrava agora era indiferente. E o sentimento de indiferença é o sentimento mais perverso de todos.



Naquela noite dormir foi o que ela fez. Dormiu tanto que parecia que nunca iria acordar. Acordou meio-dia, e normalmente não fazia isso. Acordara muito diferente de todos os outros dias. Com uma energia duvidosa, porém, agradável. Não se sentia assim há muito tempo, então decidiu aproveitar o tempo em que sua mente não estava atormentando tanto, de modo que foi a um clube. Clube o qual começou a pagar com Elisa.

Tinham uma meta de ir a esse clube pelo menos duas vezes por semana para poderem malhar e manter ou atingir um corpo tão almejado. Quando lembrara-se de tudo isso, Amelie chorou. Mas foi rápido, pois ela se recompôs de forma rápida e quase que impressionante, parecia que naquele dia ela estava determinada a acabar com tudo aquilo.

Chegando ao clube, tirou sua canga e entrou na piscina. Lá boiou. Boiou por aproximadamente duas horas. O que tirou sua atenção a fazendo afogar, foi uma borboleta. Uma única borboleta azul no céu também sem nuvens. Quase se camuflando no céu a borboleta fez Amelie lembrar. Lembrou que aquele homem que apareceu em sua casa alegava ser seu pai. Pai aquele que nunca apareceu na vida de Amelie.



Deixou a mãe dela sozinha para cuidar e criar uma filha.

Amelie tinha um extremo ódio de seu pai. Nunca falou dele e eu nunca o havia comentado nesse livro. Amelie, achando que suas lembranças não poderiam piorar, estava errada como o tempo todo nesse livro.

O suposto pai de Amelie disse que sua mãe havia morrido por causa dele. O pai estava querendo voltar com a mãe dela e a mãe nunca quis aquilo. Com raiva e fora de controle, o pai de Amelie colocara anticongelante na bebida da mãe, fazendo com que ela morresse envenenada. Você deve estar se perguntando então como ele nunca foi pego.

Com um sistema falho como o nosso, dinheiro e corrupção sempre foi a saída, dessa vez não foi diferente. Pagara aos legistas, aos investigadores e aos policiais uma quantia, exorbitante, de dinheiro vivo, fazendo com que todos ficassem calados e isso fosse mantido como um mistério. No momento em que Amelie ouviu tudo isso, ela começou a gritar. Chorava e gritava. Chegara a bater em seu pai.

Muito tempo depois de chorar, perguntou a seu pai o porquê decidira falar isso para ela somente



agora. E ele respondeu que era porque não poderia mais guardar aquilo para ele, e ele precisava de um perdão.

Nisso, Amelie deu um tapa em sua cara e o expulsou de casa. E toda a história, que estou contando desde o começo para você leitor, se inicia. Amelie, muito atordoada, quase se afogando na piscina, pensou no porquê de borboletas. Lembrara então que da última vez que tinha visto seu pai foi quando ele a levou a um borboletário quando era bem nova. Lembrara também que lá tinha somente uma borboleta e que isso a desanimou. Quando estava indo embora seu pai disse que eles se veriam no próximo passeio para ver as borboletas, e esse passeio nunca chegou.

Depois dessa grande lembrança, saiu correndo. Não sabia para onde estava indo. Simplesmente foi. Quando seu cansaço e seu choro começaram a colapsar e respirar tornou-se quase impossível, Amelie decidiu descansar em um tronco de uma árvore. Olhou para o céu e viu uma grande borboleta Azul, aquela borboleta era um símbolo de esperança para ela.



A cada momento que se passava a borboleta ia chegando mais próximo de Amelie, quando percebeu, a tal caiu morta ao seu lado. Então ela fechou os olhos e ali morreu também.